

## BULLYING: PULSÕES SOCIAIS E OS LABIRINTOS DO EU

Maurício Waldman<sup>1</sup>

Há pouco mais de um ano, aos sete de Abril de 2011, Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos, adentrou na Escola Municipal Tasso da Silveira, onde ele teve sua formação escolar básica.

Já no interior do estabelecimento de ensino, situado no Realengo, bairro da periferia do Rio de Janeiro, Wellington perpetrou um massacre com todas as cores da tragédia.

Armado, o ex-aluno feriu 24 crianças e matou outras doze. E esse número poderia ser ainda maior não fosse a intervenção de membro do corpo policial nas proximidades da escola.

Fato que reuniu todas as condições para chocar a opinião pública, a tenebrosa espiral de mortos, feridos e injuriados não tinha como deixar de reapresentar o debate da violência escolar. E tal se fez - como geralmente acontece - muito afeito aos seus aspectos mais dramáticos.

Entretanto, dessa feita a cobertura da imprensa inovou ao agregar uma palavra nova, com origem na língua inglesa, crescentemente inseparável do léxico coloquial nacional. Trata-se do chamado *bullying*.

Entendido como forma de assédio moral usual nos ambientes estudantis e grupos de adolescentes, a nova expressão rapidamente conquistou proeminência em toda a mídia, utilizada especialmente para se referir a comportamentos agressivos nas escolas.

O *bullying* reportaria a atitudes lesivas à dignidade dos que são vítimas de achaques e outras formas de desqualificação e desmoralização em ambientes de convívio social. Uma vez posto em marcha, o bullying teria capacidade de gerar poderoso potencial de agressividade, quase sempre carregada de destrutividade incontrolável, visto que apontada para todas as direções.

Nesse prisma, eis que a tragédia do Realengo, tendo por intérprete principal um jovem marcado pelos estigmas do *bullying*, introduziu no cenário brasileiro um tipo de manifestação violenta que parecia privilégio dos países afluentes, particularmente dos Estados Unidos.

Com efeito, foi nos EUA que o mundo tomou conhecimento da bárbara chacina de Universidade de Austin (1966), levada a cabo por um aluno, Charles Whitman, considerado socialmente desequilibrado. Foi lá também que ecoaram os tiros disparados por dois adolescentes em Columbine (1999). Mais recentemente (2007), o noticiário registrou mortífero ataque desfechado por aluno da Universidade Virginia Tech, redundando num assassinato em massa sem precedentes.

---

<sup>1</sup> Sociólogo e antropólogo (USP). Escritor, Professor e Pesquisador-bolsista da FAPESP. Autor de *Lixo: Cenários e Desafios* (Cortez Editora, 2010), obra finalista do Prêmio Nacional Jabuti de 2011 e *Memória D'África - A Temática Africana em Sala de Aula* (Cortez Editora, 2007). E-mail: [mw@mw.pro.br](mailto:mw@mw.pro.br) Home-page pessoal: [www.mw.pro.br](http://www.mw.pro.br)

Esse elenco de morticínios - ao qual poderíamos adicionar dezenas de casos em outras partes do mundo - teve por epicentro alunos que muitos pareceres creditam como portadores de dificuldades de inserção no ambiente social e escolar nos quais transitavam.

Em comum, os futuros algozes julgam-se vítimas do sistema, dos colegas, dos professores e/ou da administração escolar. Sua reação transparece nas manchetes que durante dias, monopolizam as atenções de todos os segmentos da sociedade. E aparentemente, a mesma sina se repetiu no Brasil.

Não existem dúvidas de que Wellington Menezes de Oliveira, ex-aluno da instituição de ensino contra a qual materializou plano de ataque meticulosamente planejado, exibia histórico problemático de relacionamentos sociais e familiares, um condicionante psicológico que contribui para explicar o desenrolar dos acontecimentos.

Todavia, para qualquer um dos casos mencionados - nos EUA, no Realengo e em muitos outros países - postular esses eventos como meramente individuais - isto é, posicionados num *vácuo social* - não contribui em nada para sua compreensão.

Marcadamente, o fenômeno da violência se inscreve num cenário social cujos nexos fundantes incorporam contradições e dessimetrias, formatando uma rede de interações sociológicas sujeita a desajustes em face do seu próprio mecanismo contraditório de funcionamento.

Assim, esse texto sublinha o substrato social enquanto dado matricial para o referido prontuário de chacinas. E no que também substantivaria outro ponto de vista aqui defendido, é nessa perspectiva que o chamado *bullying* deve ser avaliado.

De maneira difusa, uma ótica “politicamente correta” tem endossado a concepção de que o *bullying* seria um distúrbio anônimo irrompendo aleatoriamente e sem rumo. Seria fruto - quem sabe - da loucura e da maldade humana. Ele parece surgir do nada, emergindo de algum tipo de labirinto do mal cujo magnetismo traga as pessoas situadas à sua volta.

Daí que no geral, as respostas a incidentes desse tipo sejam pontuais, carecendo de análise mais ampla.

Nessa senda, não é de se admirar, para retomarmos o caso do Realengo, que a escola palco do massacre tenha - menos de um ano após a chacina - recebido equipamentos visando restringir e controlar a circulação de pessoas. Esse sistema de segurança, que requereu investimentos da ordem de R\$ 9 milhões, soa quase inacreditável num país marcado pela carência de investimentos na rede pública de ensino.

Mais ainda, o poder público - numa atitude em que objetivamente confirma sua omissão quanto aos rumos da rede de ensino sob sua tutela - procura demonstrar empenho na transformação do estabelecimento numa unidade educacional modelo. Algo que por sinal, somente acontece na esteira da indignação nacional.

Mas mesmo assim, será que medidas como essas dão conta do problema crescente da violência no espaço escolar e da má qualidade do ensino, patente num vasto leque de indicadores internacionais? E exclusivamente no referente à violência escolar, iniciativas como as adotadas seriam suficientes?

Certo é que nada pode dispensar a salutar reflexão de que, cabalmente, o chamado *bullying* é tão antigo quanto a Humanidade. Portanto, o fato nos remeteria a meditar sobre as razões de somente nas últimas décadas o problema ter assumido os contornos que hoje apresenta.

Para explicar o fenômeno, é possível recorrer aos cânones das ciências sociais.

Ponto a ser frisado, as sociedades de outrora se estruturavam com base em mecanismos onde o contraditório era incorporado ao seu imaginário e às suas práticas concretas. As tensões, diluídas no cotidiano, não se transformavam em pulsões que se voltavam contra o coletivo. Como frisou o antropólogo francês Georges Balandier, estaríamos diante de *sociedades antropológicas*, diferentes da nossa, que individualista e narcisista, foi por ele definida como *antropofágica*.

De modo muito mais incisivo, o sociólogo norte-americano Richard Sennett advertiu em sua magistral obra *O Declínio do Homem Público* que a lógica da sociedade moderna é a destruição dos instrumentos da cultura, de convívio social, induzindo a desagregação das relações interpessoais. Coerentemente, os indivíduos passem a mirar-se como referência única de ser no mundo.

Assinala o mesmo Sennett, na sociedade contemporânea as pessoas se tornaram atores carentes de arte, de sintaxe social e de papéis unguídos por uma moldura de valores compartilhados. Desse modo, passam a perseguir um sentido que para além delas mesmas, não é percebido por mais ninguém. Ora, nesse espelhamento de valores, *é inevitável que o Eu de cada um se torne seu próprio fardo*.

Assim, a sociedade moderna, ao esterilizar os significados sensíveis da sociabilidade, induziu a desintegração do sentido público, substituída por relações de cunho impessoal, desprovidas de rosto. Vivemos momentos em que a *comunidade*, imemorialmente vista como fonte de equilíbrio e segurança, *tornou-se incivilizada*, móvel de agressão contra os seus próprios membros.

São arrazoados como esses - carregados da percepção de que apenas os sentimentos individuais estão conotados de significação - que se configuram como pressuposto inconfesso para tragédias como as do Realengo. Não admira que a chacina, previamente anunciada e programada, não tenha sido sequer levada em consideração.

Porém, num sentido contrário, foi justamente isso o que Wellington materializou na sua ação de guerra. Liberou sentidos radicalizados dos tormentos do seu Eu, que irromperam contra o que seria uma das pilastras icônicas da convivência social: a escola.

Não seria demasiado alertar que a tragédia do Realengo pode pressagiar outras, talvez ainda mais truculentas. Afinal, uma comunidade de indivíduos atomizados sugere a repetição desses atos, sequela evidente de uma problemática que não admite arrazoados simplórios e imediatistas.

Nesse sentido, entender o *bullying* sob o prisma do achaque prosaicamente individual tem o demérito de realimentar forças destrutivas que cedo ou tarde, se voltarão contra uma moldura social que perdeu os sentidos ontológicos que no passado, formaram a base de sua sustentação.

Ademais, no que oferece um toque peculiar ao episódio do Realengo, seria inevitável sublinhar que de certo modo, o país assiste a incorporação de modelos de comportamento hostil que se implantam numa sociedade na qual as contradições de um país não-afluente parecem surpreendentemente se somar às mazelas vindas de fora.

Algo que deveria ser objeto de atenções especiais em razão das sinergias explosivas que suscita, a forma de enraizamento do fenômeno parece repetir a recorrente socialização de novas roupagens - que nos chegam com o glamour insuperável de sua origem estrangeira - acobertando velhas e recidivas pendências sociais que parecem, pela fragilidade das nebulosas respostas dadas pelo poder público, condenadas a uma não-solução.

Razões mais que suficientes para uma vez mais, termos o primado do social enquanto parâmetro para explicar fatos cuja gênese, natureza e irrupção reclamam esse referencial em todo seu alcance e magnitude, atento às analogias e especificidades que insere.

Postura particularmente essencial para sociedades que como a nossa, reclamam novas formas de participação, entendimento e convivência.

**AO CITAR E/OU REPRODUZIR ESTE TEXTO ACATAR A REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA ABAIXO:**

**WALDMAN, Maurício. *Bulliyng: Pulsões Sociais e os Labirintos do Eu*. Artigo eletrônico disponibilizado no site da Cortez Editora: <http://www.cortezeditora.com.br/>. Junho de 2012. São Paulo (SP): Cortez Editora.**

**MAURÍCIO WALDMAN - INFORMAÇÕES PORMENORIZADAS**

Home-Page Pessoal: [www.mw.pro.br](http://www.mw.pro.br)  
Biografia Wikipedia English: [http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio\\_Waldman](http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman)  
Currículo no CNPq - Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>